

# Rainor Grecco, o exterminador de florestas

**“Arrasei verdadeiras catedrais ecológicas, santuários de árvores.” Esta frase é o cartão de visitas de Rainor Hilton Grecco, hoje, aos setenta anos, um arrependido destruidor de florestas tropicais. Ele mesmo se diz “o carrasco de milhões de árvores”. É citado na Enciclopédia Britânica como o terceiro homem que mais derrubou florestas no mundo, quase todas no Brasil. Morando em Vila Velha, Espírito Santo, Grecco confirmou, mês passado, tudo o que diz nesta entrevista assustadora trazida a Caros Amigos por um jornalista italiano que a publicou na imprensa estrangeira alguns anos atrás. Na justificativa de seu passado, Grecco disse-nos uma frase: “Somos todos fruto de uma época, uma mentalidade; o que ontem parecia heroísmo, hoje é crime”. Mas logo adiante colocou outra, sombria: “O pior é que tenho certeza de que a mesma coisa poderia acontecer hoje”.**

Entrevista a Giuseppe Bizzarri

Giuseppe Bizzarri - **Que significado tiveram as florestas na sua vida?**

**Rainor Grecco** - A floresta foi toda a minha vida. Meu pai era de Modena e minha mãe, de Treviso. No Brasil, eles se estabeleceram no Espírito Santo. Meu pai tinha sido lenhador na Itália e continuou sendo no Brasil. Lembro que papai trabalhava numa cidade chamada Matilde, no interior do Espírito Santo, na região das montanhas. Ainda se lenhava sem motosserra. Um dos meus irmãos, que tinha catorze anos, ajudava meu pai. Um dia, ficou doente, teve um tumor, e não pôde mais trabalhar. Então, papai me disse: “Meu filho, só há um modo de você ir lá para cima me ajudar”. Esse modo era pegar na serra. Eu era pequeno, tinha seis anos, mal conseguia equilibrar a serra, mas, de toda forma, foi assim que se deu minha entrada na floresta, da qual não sai nunca mais. Quando eu tinha nove anos, nos mudamos para Vitória, a capital do Estado. Ia à escola à noite e durante o dia trabalhava na mata. Meu pai participou da derrubada de todas as matas em torno da cidade, e eu já estava lá com ele.

**Então, há quanto tempo o senhor trabalha nesse setor?**  
Cinqüenta e quatro anos. Bem, há cinco anos estou fora de atividade. Quer dizer, não completamente. Tenho uma empresa, a Plantiflora, que se ocupa de projetos de corte racional das florestas. Hoje em dia, ensino como se trabalha sem destruir.

**Parece que o senhor deixou um rastro de destruição por onde passou. Quanto disso é verdade?**

Acontece que no Brasil, nesta parte do mundo, tudo é exagerado. Fui chamado de vários nomes, até citado na *Enciclopédia Britânica*, e ficou estabelecido que eu sou o terceiro homem que, como pessoa individual, mais derrubou florestas no mundo. Tenho minhas dúvidas, mas nem ao menos posso desmentir o que dizem, porque, na realidade, num período de tempo de 45, cinqüenta anos, em várias etapas, derrubei florestas mesmo.

**De alguma forma, o senhor consegue justificar o que fez?**

Todas as pessoas que vinham para o Brasil queriam mudar de vida. Não havia um espírito patriótico. Vinham para se arrumar. A época dos meus pais foi de grandes transformações sociais. Havia muita miséria na Itália. Foram atraídos por aqueles 25 hectares de terra que o Brasil doava e divulgava por meio de folhetos que mostravam uma bela casa com animais. Parte dos italianos que vieram foi para o Espírito Santo, para ocupar terras. Preferiram instalar-se na serra, onde, em razão do frio, a malária não era tão dura. Acontece que os italianos que foram para lá eram diferentes daqueles que foram para São Paulo. Era gente que vinha ocupar territórios, formar fazendas, não digo para destruir florestas, ainda que o objetivo fosse o de cortar e depois construir. É assim que, quando eu tinha seis anos, comeci a desmatar para abrir campos para a agricultura e áreas para construção.

**Tudo dentro da lei?**  
Havia no Brasil uma lei que só está sendo modificada agora, há quatro ou cinco anos: podia-se possuir uma floresta do Estado, mas, enquanto não se derrubasse metade dela, não se podia ter o título de proprietário. Isto está na lei, não sou eu quem diz. Ainda hoje, uma terra com florestas paga o dobro do imposto das terras sem floresta. É

assim que surge o “mito de Grecco”. A exemplo do meu pai, eu fazia contratos para cortar árvores. Era preciso conquistar a terra, então eu desmatava sem parar. Desmatei por cinqüenta anos, sem parar.

**Há quem diga que o senhor derrubou 6 milhões de árvores.**

Vá saber... Botando árvores abaixo como botei, é realmente difícil dizer, ainda mais depois que comeci a usar motosserra. Quando se iniciou o uso da motosserra, eu sempre tinha 180, duzentos homens trabalhando com as máquinas. Abri fazendas sem parar. Eu punha abaixo, o que se podia aproveitar se aproveitava, no resto se tacava fogo. Este era o meu contrato com o colono. Portanto, não desminto que derrubei, derrubei florestas direto. Porque esta era a minha profissão. Éramos pagos e premiados pelos fazendeiros para derrubar, e os fazendeiros eram financiados pelos bancos. Entende? Sim, derrubei florestas, deixando o solo pelado. Entre todos os fazendeiros para os quais trabalhei, só em pouquíssimos casos, oito ou dez, no máximo, me pediram para só derrubar certas árvores e deixar outras em pé.

**O senhor trabalhou só no Espírito Santo e no sul da Bahia?**

Não, no Brasil todo. Amazônia, Brasil central, até o Rio Grande do Sul. E praticamente em todos os outros continentes, desde países como a Finlândia, a Dinamarca, a Rússia. As pessoas no exterior me convocavam como a um pistoleiro, como se eu tivesse matar alguém. Pagavam-me para fazer derrubadas em lugares delicados, nos quais era conveniente usar gente de fora. Eram trabalhos não muito limpos.

**Dizem que o senhor se tornou o maior exportador mundial de jacarandá, uma árvore quase extinta no Brasil. É verdade?**

No boom da exportação eu mandei para o exterior 57,6% de todo o jacarandá que saiu do Brasil – este é um dado existente no registro de exportações.

**Como se chama o jacarandá na Itália?**

*Palissandro, rio palissandro.* Quanto eu mandei para lá! Os navios chegavam a Gênova. Mas o jacarandá não era só para a Itália. O país que mais importava era a Dinamarca, em segundo a Alemanha. E não era só jacarandá; mandava também mogno, sucupira, louro, macanaíba, jequitibá. Outros tempos! Não se tinha nenhum cuidado com a floresta. Para tê-lo, era necessário aquilo que está acontecendo hoje em termos culturais.

**O que o senhor está querendo dizer?**

Uma grande parte das florestas deveria ter sido preservada para que continuasse a haver frutos. Elas modificam sempre o ambiente. Conservam a água no solo, evitam a evaporação. No Brasil, o sol é muito forte e os lugares onde não forem preservadas as florestas se tornarão um Saara. O corte deve ser racional porque as florestas são naturais. A árvore, ela própria, é um selvagem. Parece que eu conversei a vida inteira com elas. Uma árvore é egoísta. Se cresce muito, acaba com as outras, faz sombra e cobre tudo, não dá oportunidade às outras árvores de crescerem. Estas árvores devem ser abatidas porque impedem o crescimento de outras cinqüenta ou sessenta. Nos locais onde se tenham cortado grandes árvores há uma floresta ainda mais densa.

**O senhor nunca teve crises por causa do seu trabalho?**

Sim, eu mais do que qualquer outro, na minha pele, porque fui um profissional com 54 anos de atividade. Nunca me considerei um criminoso, mas, pela maneira como eu cortava as árvores, fui o pior bandido, um Hitler. Sempre, porém, agi dentro da lei. Se exagerei foi em razão do meu trabalho e não porque sentisse prazer em pôr as árvores abaixo.

**Mas o senhor não sentia nada enquanto cortava, desmatava?**

Um jornalista inglês já me perguntou isso. Eu lhe respondi que não era este o sentimento, porque se tratava da luta de um homem contra uma coisa selvagem. Seria o mesmo, senhor jornalista, que perguntar ao carrasco de Maria Antonieta o que ele sentiu quando soltou a lâmina da guilhotina. Ele o fez porque era a sua profissão e não porque sentisse prazer em cortar o belo pescoço de Maria Antonieta. Assim foi o meu sentimento ao voltar, anos depois, para certos locais que eu tinha desmatado e onde, trinta, quarenta anos antes, eu tomara banho nos rios, nas cascatas. Já não havia nada daquilo, e eu comeci a sentir a extensão da coisa.

**Até que ponto o senhor se considera responsável por isso?**

Não foi o madeireiro que destruiu a floresta. Foi o fazendeiro, pela apropriação da terra e pelo fogo. Na Bahia e no Espírito Santo, talvez não se tenha aproveitado mais do que 3% da madeira. Foi tudo queimado. Eu não me sentia responsável porque sempre me considerei um herói com grande capacidade de trabalho. O remorso que eu tenho, talvez, é o de não ter percebido o volume e a irracionalidade de tudo aquilo, a herança que ia deixar. Eu tinha consciência porque meu pai mesmo já dizia: “Tem de preservar, tirar da floresta só aquilo que for necessário, porque dará dinheiro para a vida inteira”. Mas como? Aqui era preciso plantar café, criar o gado, produzir alimentos. Não dava para aplicar em nada. Era um povo em explosão, ignorante, com vontade de ganhar dinheiro, constituir famí-

homem derrubava 2 hectares de floresta por semana. Foi uma loucura, um inferno. Tínhamos ordem de destruir, só destruir. Nenhum tronco deveria sair dali. Cortávamos ininterruptamente, fazíamos gigantescos buracos com os *bulldozers* e neles enterrávamos os troncos. Se não havia tempo para enterrar, então queimávamos. Lembro que os militares não deixavam ninguém se aproximar, toda a área era vigiada por homens armados. Era só lama, terra vermelha, confusão, uma guerra. Cortar, cortar, cortar. Milhares de macacos fugiam gritando, pulavam em cima da gente. Animais de todas as partes, muitas cobras. Lembro de montes de papagaios mortos. Cento e oitenta homens pegaram malária e quinze morreram em acidentes. Quando o trabalho terminou, fui chamado por um general do Exército.

**Como se chamava?**

Não posso dizer porque ele ainda faz parte do governo. Ele me cumprimentou por ter terminado o trabalho em breve tempo. Eu lhe disse então que o que tinha sido feito ali era um ato de deboche, um crime contra a nação. Nem ao menos a madeira que cortamos havia podido ser utilizada, vendida. O general respondeu que o Brasil tinha de respeitar contratos com companhias estrangeiras e que aquela madeira não podia ser exportada para não derrubar os preços no mercado internacional.

**Como o senhor reagiu?**

Disse a mim mesmo que estava tudo errado, que eu não precisava daquilo. Recordo que mais tarde, caminhando por uma floresta, vi árvores que falavam comigo. Eu acho que estava perto de entregar minha alma não sei se para Deus ou para o diabo. A floresta toda se movia. Uma maravilha. Se aquilo era loucura, então era uma maravilhosa loucura.

**Mudou também o seu modo de trabalhar?**

Com toda certeza. Praticamente na metade da minha vida profissional, comeci a dizer a todo mundo: “Rapaz, não derrube tudo porque perderá tudo”. Comeci a perder vá-

rios contratos por discordar dos proprietários. Eu tinha uma consciência ecológica, só que continuava sendo o melhor para cortar e pôr abaixo. Como uma prostituta, eu dizia algo como: “Vamos usar um preservativo para evitar qualquer coisa ruim com um de nós”. Mas, pelo fato de que a conquista da terra era uma necessidade, a consciência ecológica não contava. Tanto que só no ano de 1986 é que saiu a primeira lei sobre corte racional.

**O que determinou sua mudança, sua crise?**

A derrubada da floresta de Tucuruí, para a construção da barragem. Ali foi cometida uma imensidão de erros.

**Que erros?**

Erros de cálculo. As águas do rio Tocantins alagaram uma área de floresta maior do que o previsto. *(Foi em 1974, inundou uma área de 2.430 km², equivalente à Bélgica; a usina levou dez anos para ficar pronta e hoje produz 4.000 megawatts, a metade do previsto.)*

**Ali, para qual serviço o senhor foi contratado?**

Eu tinha um contrato com os militares para cortar uma imensa área de floresta aquém da barragem. Precisava fazê-lo em brevíssimo tempo, porque a data de inauguração da obra estava marcada. Lá já estava trabalhando a Capemi, uma empresa gerida por militares, que, porém, não conseguiria terminar o serviço a tempo. Fui chamado porque eu era o melhor. Levci 220 motosserras, 484 mateiros. Cada

**A propósito, algumas pessoas, aqui no sul da Bahia, usam esses projetos de corte racional controlados pelo governo com o objetivo de disfarçar a intenção de desmatar indiscriminadamente em torno da área autorizada. É verdade?**

Sim, é verdade. Há, por exemplo, um americano, proprietário de 1.000 hectares de Mata Atlântica, que faz esse tipo de coisa. A floresta dele está sempre intata, mas em torno dela... Eu não faço nenhum contrato com ele, apesar de ele já ter me chamado algumas vezes.

**Como ele se chama?**

James Grade. Hoje, porém, uns 30% ou 40% das pessoas já se dão conta de que as florestas são um patrimônio melhor do que os bois.

**O senhor se sente uma vítima?**

Era tudo uma máquina. Não pense que eu estou aqui vertendo lágrimas, dizendo que não fiz nada. Eu fiz, sim, derrubava as árvores dentro da lei. Não tenho nenhuma denúncia pesando sobre meus ombros, mas é aqui que está o problema.

#### Como assim?

Nesta região, a legislação permitia que se derrubassem 80% das árvores e se deixassem 20% em pé. Esses 20% que sobrassem de imensas florestas teriam sido suficientes para que não houvesse problemas. Acontece, no entanto, que o fogo e a vontade dos proprietários das terras, estes sem nenhuma consciência ecológica, acabaram também com aqueles 20%, para formar pastos completamente limpos. Este foi o grande crime. Imagine que existia inclusive um fundo para replantio, mas nunca vi ninguém replantar. As leis jamais foram respeitadas.

#### E a que se deve isso?

É preciso compreender a formação do povo brasileiro. Abriram as prisões de Portugal e da Espanha, trazendo aquela gente para depredar este país. Essa gente se uniu com o índio, que, pobrezinho, não é o início mas o fim de uma raça. Não se constrói nada com o índio. Os negros que vieram para cá foram escravos que já não eram bons lá. Aqui para o Brasil veio o que havia de pior entre os negros, os portugueses, os europeus. Inclusive os italianos que vieram não eram de primeira casta, porque se fossem teriam ficado lá. Não concorda comigo? A maioria dos italianos não era culturalmente elevada. Sabe que o comércio de madeira sempre esteve nas mãos dos italianos? Ainda hoje, 90% estão nas mãos de descendentes de italianos.

#### Inclusive na Amazônia?

Também lá. Porque lá está toda aquela gente que chegou do Espírito Santo. Em Rondônia há mais capixabas do que no próprio Espírito Santo. Depois de terem derrubado tudo o que havia para derrubar no Espírito Santo e na Bahia, eu também me mudei para a Amazônia. Em 1968. Eu fui o primeiro a abater árvores em Rondônia. Abri florestas para que se construíssem vilas, igrejas, casas. Depois vieram os outros. Diziam: "Vou fazer como o Rainor Grecco". Antes de me estabelecer naquele Estado, fiz uma pesquisa em toda a região amazônica para localizar a área com as árvores mais valiosas. Uma pesquisa que durou um ano e meio. Sim, conheço a Amazônia como poucos. Penetrei através do rio Amazonas, partindo do Pará, chegando até as cachoeiras de Porto Velho, passando pelo rio Madeira. Subi então pelo rio Solimões até Iquitos, no Peru, onde começam os Andes. Voltei para o Brasil descendo o mesmo rio e percorrendo todos os seus afluentes à direita e à esquerda. Nesta viagem anotei todas as espécies de árvores comerciais que podiam ser cortadas.

#### Quando a mentalidade extrativista começou a mudar?

Quando começaram a vir alemães e italianos provenientes de regiões mais desenvolvidas em termos culturais – regiões como a Lombardia, onde havia um mundo de moveleiros, homens que trabalhavam racionalmente com a madeira. Começaram aqui a fazer o corte seletivo, pegando só o que lhes interessava. Esses sempre têm madeira à disposição, e sempre terão, porque aqui a floresta é muito boa, generosa. A regeneração dela é uma coisa estonteante. Você planta uma árvore e depois de vinte anos ela está imensa. Se há alguma dúvida do que estou dizendo, basta olhar para a Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, uma floresta completamente artificial. Cem anos atrás, não restava ali uma só árvore – a floresta toda foi obra de replantio.

#### O senhor se sente uma pessoa diferente?

Uma pessoa que vive com a floresta a vida inteira tem um raciocínio completamente diferente. Forma uma psicologia de defesa que deve carregar consigo. Desenvolve uma intuição impressionante. Eu pressinto o que acontecerá. Sei até mesmo o que você está pensando neste momento. A floresta é também uma forma de fuga. Os ho-

mens que trabalham dentro dela estão tentando escapar de algum pecado ou de si mesmos. Não digo todos, mas a maioria. Cheguei a essa conclusão. Quem foge para a floresta não é aquele que cometeu crimes, que roubou, matou. Não há muitos desses, mas sim aqueles que fogem de si mesmos. Fogem das suas frustrações, do seu próprio ego, do seu próprio sistema, fogem. Eles resolvem meter-se na floresta porque ela dissipa os males, a floresta repara.

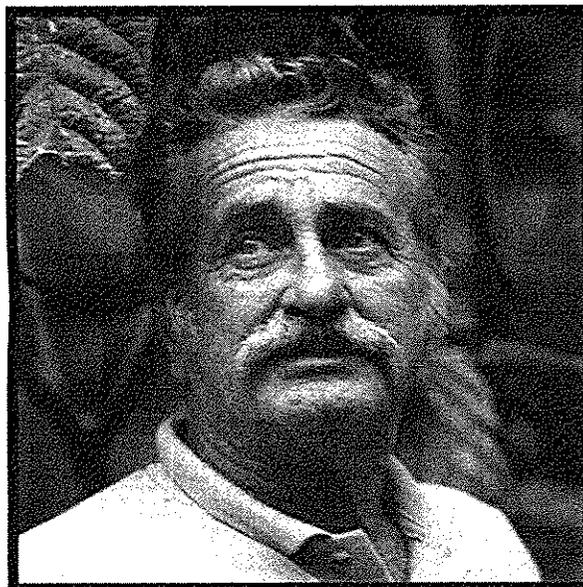
#### A floresta ainda o fascina tanto assim?

Não posso viver sem ela. Tenho de entrar depois de algum tempo longe dela. Eu posso caminhar 40 quilômetros, 45 quilômetros dentro de uma floresta, normalmente.

#### O senhor ganhou muito dinheiro?

Muitíssimo. Mas olhe a minha casa, é simples, nada de luxuoso. Muita terra só traz problemas. Todo o dinheiro que ganhei com madeira apliquei em minha própria cultura. Sou um autodidata, adoro ler todos os dias (*lê Joyce, Sartre, Camus, Gide, Swift, Borges.*) Noventa e cinco por cento dos meus ganhos usei em pesquisas, viagens, estive em 72 países. Minha enorme riqueza me deu a possibilidade de formar jovens técnicos especializados primeiro em cortar e, hoje, num grau que lhes possibilita cortar sem destruir.

#### É verdade que o senhor chegou a "fechar", para uso exclusivo, lugares como o cabaré Moulin Rouge, de Paris?



Sim, sim, o Moulin Rouge, prostíbulos, salões de baile. Não uma vez, nem duas, nem dez, e não importava onde fosse, em Formosa, em Nova Délhi. Sempre gostei de fazer essas loucuras. Eu era o melhor amigo das prostitutas de Paris e de Hamburgo. Todos os prazeres que o mundo podia me dar eu procurei e tive, graças à madeira.

#### Tem algum desejo, hoje?

Ensinar o que sei. Estou ensinando a muito poucas pessoas porque no Brasil não existe este valor. Aqui se compra diploma para ser doutor. Os engenheiros, os técnicos que trabalham comigo, no dia-a-dia, são um tipo diferente de profissionais, diferente daqueles que se formam só com teoria. Mas me sinto como um cantor diante do microfone sem público para me ouvir. Já manifestei várias vezes ao Ibama meu desejo de ensinar. Não me resta muito tempo para transmitir tudo o que aprendi sobre as florestas tropicais no mundo todo. Minhas observações dariam livros, são montanhas de apontamentos com observações sobre todos os tipos de floresta. Porque eu dizimei sistemas inteiros, arrasei verdadeiras catedrais ecológicas, verdadeiros santuários de árvores.

#### O que o senhor pensa da ecologia brasileira, hoje?

Existe há alguns anos no Brasil uma presumida consciência ecológica. Mas, se alguém, por exemplo, lê apenas sobre a vida de Jesus Cristo, acaba se tornando um

radical em termos espirituais, esquecendo-se das necessidades práticas, naturais. Assim é a ecologia por aqui, tanto que seus defensores já estão sendo chamados de ecochatos, não de ecologistas. Porque eles não ensinam os jovens a plantar uma árvore e a preservá-la. Os homens verdadeiramente importantes não estão sendo acionados. Nós devemos 150 bilhões de dólares ao resto do mundo, os grandes mineradores no Brasil estão associados às multinacionais. Mas, se o subsolo brasileiro já está comprometido, nele já está contido três, quatro, seis vezes o valor do nosso débito internacional. Então, eu me pergunto, será que os sete países mais ricos do mundo – incluindo a Itália, minha segunda pátria – não estão usando a ecologia em grandes movimentos para impressionar a platéia dos ingênuos? Para garantir os próprios interesses na Amazônia? O mundo deve tomar uma posição a respeito do Brasil. Esta é uma terra estranha, embora possa não parecer. Mas, se de fato existe o tal buraco na camada de ozônio, isto é algo ligado à preservação das florestas. O mundo deverá mudar seus hábitos para não acabar.

#### Os grupos ecológicos não podem fazer nada?

Eles não são nada. São todos inconscientes. São ecochatos, ecoloucos, nunca plantaram uma árvore. SOS Mata Atlântica, Consórcio Mata Atlântica... são todos jogos de interesses, jogos. Porque, se estivessem perto dos colonos, se dissessem a eles como plantar uma árvore, aí dariam um exemplo prático. A natureza não espera, decide. Em vez de ficar falando, plantem uma árvore e não fiquem esperando que haja condições para isso ou não sei o quê. Plantar e preservar é tudo o que resta fazer e, se precisar cortar, faça-o racionalmente. E tem de haver fiscalização, para meter na cadeia quem cortar fora da lei.

#### Como preservar a Amazônia e o que resta da Mata Atlântica?

Simple. Primeiro, educação ambiental; depois, corte seletivo.

#### Existe mesmo a possibilidade de preservar?

À vontade. Nunca acabará. Existem florestas de fazendeiros que passam de pai para filho. Mas antes de tudo tem de haver consciência, deve haver estudo, deve-se melhorar as pessoas. É preciso aplicar a tecnologia na prática. Quando as leis só existem no papel, são leis vazias, sem significado. Há necessidade de educação.

#### Há anos se tenta fazer a reforma agrária no Brasil, acabando com o extraordinário poder dos grandes coronéis, os latifundiários. Uma reforma agrária poderia ajudar a salvar as últimas florestas?

É fundamental. Mas os reformistas querem as terras com as florestas, enquanto os colonos só podem sobreviver vendendo a madeira. O Inbra, o Instituto de Reforma Agrária, há um ano loteou aqui na região uma vasta área da Mata Atlântica. Deu ordem às pessoas de cortar as árvores. No entanto, no Brasil existem terras sem florestas que nem mesmo 150 milhões de habitantes, mas sim 600 milhões, poderiam ocupar. Neste país não existe um financiamento real para o homem. Não adianta nada dar terra a um pobrezinho sem dinheiro. Ele não tem nada e não tem cultura. Aqui não existem financiamentos a longo prazo, até o momento em que a pessoa começa realmente a produzir. Nós não temos essa organização social. É preciso entender que nós somos um povo pobre, o Brasil é muito pobre, tudo o que faz é com acumulação de débitos. A Amazônia, por exemplo, deveria ser ocupada em 50% – mas ocupada, não cortar tudo e depois abandoná-la. Seria preciso assentar as pessoas racionalmente.

#### Como o senhor se sente hoje em relação à natureza?

Vendo as desgraças que fiz no passado, eu sempre peço, com consciência, perdão à natureza. Sou um réu confesso daquilo que fiz por ignorância, por tradição, ou seguindo o que o país mandava. Mas as flores, as plantas são tão boas que me perdoaram por eu tê-las machucado tanto. ■